

EIXO TEMÁTICO 3 | DEMOCRACIA, CONTROLE SOCIAL E GESTÃO PÚBLICA

A DESINFORMAÇÃO COMO AMEAÇA A DEMOCRACIA: uma análise das mídias luz das teorias de hannah arendt e jürgen habermas¹

MISINFORMATION AS A THREAT TO DEMOCRACY: an analysis of social media based on the theories of Hannah Arendt and Jürgen Habermas

RESUMO: Este estudo investiga o declínio da verdade na esfera pública contemporânea, tendo como pano de fundo a dinâmica das mídias sociais e o fenômeno das fake news. O trabalho foca na interação desses elementos com o âmbito político e as consequências, muitas vezes devastadoras, em eleições e plebiscitos globais, bem como no sistema democrático. A proposta baseia-se na teoria política de Hannah Arendt e na teoria crítica de Jürgen Habermas para examinar como a verdade e a política se tornaram confusas e conflituosas no novo espaço público das mídias sociais, dando lugar à pós-verdade e às fake news. A hipótese defendida é que as mídias sociais têm contribuído para o aumento da polarização política, da xenofobia e do discurso de ódio, bem como para a criação de uma nova *contra-narrativa*, modificando o espaço do diálogo na esfera pública. O estudo será conduzido em três partes: a primeira analisa a relação entre verdade e política na obra de Arendt e Habermas; a segunda examina o impacto das mídias sociais na construção de discursos de negacionismo científico e revisionismo histórico; e a terceira explora a relação dos conceitos de verdade factual, verdade racional e opinião propostos por Arendt e Habermas. Este trabalho visa contribuir para a compreensão das tensões ético-políticas geradas pela influência das mídias sociais na percepção pública da realidade. **Palavras-chave:** Pós-verdade e Fake News, Esfera Pública, Hannah Arendt, Jürgen Habermas.

ABSTRACT: This study investigates the decline of truth in the contemporary public sphere, against the backdrop of the dynamics of social media and the phenomenon of fake news. The work focuses on the interaction of these elements with the political sphere and the often devastating consequences for global elections and plebiscites, as well as for the democratic system. The proposal is based on Hannah Arendt's political theory and Jürgen Habermas' critical theory to examine how truth and politics have become confused and conflicting in the new

¹ LIMA, Edilson Vilão de Doutorando Políticas Públicas-UFMA E-mail: neoeddi21@gmail.com; MUNIZ, Mariana Correa Soares Doutoranda Políticas Públicas-UFMA E-mail: marimunizss02@gmail.com; SIMÕES, Adelson Cheibel Doutorando em Educação-UFMA E-mail: adelsonsimoes@gmail.com.

public space of social media, giving rise to post-truth and fake news. The hypothesis defended is that social media has contributed to the increase of political polarization, xenophobia and hate speech, as well as to the creation of a new counter-narrative, modifying the space for dialogue in the public sphere. The study will be conducted in three parts: the first analyzes the relationship between truth and politics in the work of Arendt and Habermas; the second examines the impact of social media on the construction of discourses of scientific denialism and historical revisionism; and the third explores the relationship between the concepts of factual truth, rational truth and opinion proposed by Arendt and Habermas. This work aims to contribute to the understanding of the ethical-political tensions generated by the influence of social media on the public perception of reality.

Keywords: Post-truth and Fake News, Public Sphere, Hannah Arendt, Jürgen Habermas.

1 INTRODUÇÃO

Na filosofia antiga, a noção de verdade era profundamente ligada à realidade e à autenticidade. Na Grécia Antiga, o termo "*Aletheia*" era utilizado para representar a verdade, que significava literalmente "não esquecido" ou "não oculto", referindo-se ao que é revelado ou descoberto. No âmbito do pensamento hebraico e bíblico, a palavra "*emet*" (אמת) representava a verdade, transmitindo um sentido de firmeza, confiabilidade e fidelidade, muitas vezes associada ao divino, ou como nos alude Heidegger "todo ente é verdadeiro" (2008, p.91). Com o passar do tempo e o desenvolvimento do pensamento filosófico e científico, o conceito de verdade passou por várias transformações. Durante a Idade Média, a verdade era muitas vezes vista como uma revelação divina ou uma doutrina religiosa, "Deus, *ens creatum*" (Deus é o revelador ou Deus é o criador). Na era moderna, a verdade começou a ser associada ao conhecimento científico e empírico, e a noção de verdade como correspondência entre as ideias e a realidade se tornou predominante.

Atualmente, o conceito de verdade continua a evoluir, especialmente à luz das mudanças socioculturais e tecnológicas. A emergência de conceitos como "pós-verdade" reflete as complexidades e desafios de determinar o que é verdadeiro em uma era de mídias sociais e informações em constante mudança (Higgins, 2014). Os pré-socráticos concebiam a verdade como um elemento inerente à realidade, não algo meramente subjetivo. Heráclito, por exemplo, descreveu a verdade como uma ordem cósmica, um *Logos* que estrutura o universo (Kirk, 1983). Na filosofia platônica, a verdade é vista como algo eterno e imutável, pertencente ao mundo das Ideias ou Formas. Essa concepção é mais notavelmente expressa em sua alegoria

da caverna (Platão, 2001); já para Aristóteles, a verdade é uma correspondência entre o pensamento e a realidade. Isso é frequentemente descrito como a teoria da correspondência da verdade (Aristóteles, 1989). Durante a era medieval, a verdade foi muitas vezes entendida em termos teológicos, como uma propriedade de Deus ou como algo revelado pela fé.

Na filosofia moderna, a verdade passou a ser associada à certeza e à clareza do pensamento individual, um tema central no ceticismo metodológico de Descartes. Kant propôs uma visão mais complexa da verdade, sugerindo que a verdade é mediada pela nossa estrutura cognitiva e não é diretamente acessível. Isso levou à teoria da verdade como coerência (Kant, 1985); e Nietzsche desafiou muitas das concepções tradicionais de verdade, argumentando que a "verdade" é uma construção humana, sujeita à interpretação e à perspectiva (Nietzsche, 2008). No século XX e XXI, a verdade foi abordada de várias maneiras, incluindo as concepções pragmáticas da verdade (James, 1907), a verdade como consenso (Habermas, 1981), a verdade pós-moderna como construção social e cultural e a crítica da "pós-verdade" como um fenômeno emergente ligado à desinformação e às fake news (Higgins, 2014).

A verdade é um tema complexo e multifacetado que tem sido discutido e debatido de muitas maneiras diferentes ao longo da história da filosofia, "A verdade, conceito fundamental na filosofia, tem sido objeto de intenso debate desde os tempos antigos. Platão, em sua alegoria da caverna, propõe uma visão da verdade como realidade objetiva, existente além das sombras e ilusões percebidas pelos prisioneiros na caverna (Platão, 2006). No entanto, esta visão é contestada por Nietzsche, que em "O Crepúsculo dos Ídolos" argumenta que a "verdade" é uma ilusão, um "móvel armadilha de perspectivas" (Nietzsche, 2006). Ambas as concepções de verdade, ainda que aparentemente contraditórias apresentam percepções ou cognições que impactam na forma subjetiva de enxergarmos o mundo moldando nossa cosmovisão nos dias de hoje, onde essa cosmovisão outrora cheia de divindades possui uma lente artificial onde as telas e as novas tecnologias filtram esse olhar depurando essa verdade criando assim implicações profundas para a nossa compreensão da esfera pública contemporânea, especialmente à luz da ascensão das mídias sociais "A esfera pública, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros e contudo evita que colidamos uns com os outros, por assim dizer. O que torna tão difícil suportar a sociedade de massas não é o número de pessoas que ela abrange, ou pelo menos não é este o fator fundamental" (Arendt, 2020, p.61). Em um mundo cada vez mais marcado pela disseminação de 'fake news' e 'pós-verdades', é crucial reexaminar a natureza da verdade e sua função na sociedade.

Essas formas de manipulação dos fatos ganharam ênfase ao sair do âmbito das relações interpessoais - dos computadores e celulares particulares – passando a compor o âmbito político-social, no qual essa crescente atuação tem fragmentado as relações sociais no dia a dia. Esse novo *modus operandi* do cidadão ajudou a sedimentar eleições e plebiscitos em todo o mundo, colocando em risco o sistema democrático de vários países - como EUA (2016), Reino Unido (BREXIT-2016) e Brasil (2018) - resultando em efeitos negativos durante a pandemia (2020), a serviço de ideologias neoliberais e tecnocratas que buscam confundir a percepção das pessoas por meio de tecnologias que permitem falsear informações.

Nesse contexto, percebemos que o aumento e a difusão das fake News ocorrem com o avanço das tecnologias da informação e da confluência das mídias digitais, que podem criar narrativas inverossímeis em busca de um consenso irracional, filtradas por bolhas de opinião e criando realidades paralelas que viralizam nesta nova esfera pública virtual por meio de seus *feeds* e *hashtags* falaciosos, onde cada um escolhe o tipo de verdade em que deseja acreditar.

Nesse ínterim, a verdade factual torna-se cada vez mais distante, ficando ofuscada por essa “Ágora virtual” e o papel das TICS, que outrora tinham a função de informar, torna-se contrário à sua gênese globalista de reduzir a distância entre o usuário e o conhecimento do mundo.

No livro *"A morte da verdade na era Trump"*, a jornalista americana Michiko Kakutani utiliza o termo "declínio da verdade" (usado pelo *think tank* Rand Corporation² para descrever "o enfraquecimento do papel dos fatos e análises" (Kakutani, 2018, p. 7). Kakutani ainda destaca que o termo pós-verdade entra para o vocabulário corriqueiro da vida pública americana a partir de 2016, assim como o termo inglês *fake news* entra para o nosso vocabulário cotidiano desde 2018, demonstrando que não apenas as notícias são falseadas ou manipuladas, mas a ciência é contestada enquanto falsa ciência. Os negacionistas das mudanças climáticas e os ativistas antivacinas são um grande exemplo disto, ao negarem os efeitos letais da Covid-19 em meio à maior pandemia da história, turvando a percepção das pessoas de acordo com o filtro que elas escolheram.

Toda a construção de fatos entendida como real é desacreditada por grupos políticos de extrema direita e ultranacionalistas que tentam subverter os fatos a seu favor, moldando

² Think tanks são instituições que desempenham um papel de advocacy para políticas públicas, além de terem a capacidade de explicar, mobilizar e articular os atores. Atuam em diversas áreas, como segurança internacional, globalização, governança, economia internacional, questões ambientais, informação e sociedade, redução de desigualdades e saúde GRIFO NOSSO.

assim a opinião pública. Partimos, então, de três problematizações ao apresentar tais argumentos: 1) As mídias sociais e as redes sociais se configuram, de fato, como uma nova esfera pública interconectada? 2) Qual a importância do discurso ético-político na sua relação com essas novas tecnologias que vem contribuindo na proliferação de notícias falsas? 3) Podemos chegar a um discurso de verdade a partir dessas novas problemáticas onde todos divulgam e interpretam a "verdade"?

2 A ESFERA PÚBLICA EM ARENDT E HABERMAS

Em seu ensaio de 1971, "A mentira na política", Hannah Arendt já previa a relação entre a esfera pública e a criação de narrativas como mecanismo de manipulação da opinião pública, em que a relação entre política e verdade possui natureza dialógica, direcionando para a criação de discursos de verdade. Dessa forma, o presente estudo destaca sua relevância ao abordar a problemática dos discursos de verdade e da propagação da pós-verdade, bem como sua mobilização na esfera pública a partir das atuais ferramentas tecnológicas da informação disseminadas nas redes sociais e do crescimento constante de notícias falsas.

O atual contexto em que estão estabelecidas as "redes sociais" ou "mídias sociais" estabelece um novo espaço para o debate político e a manipulação da opinião pública, configurando um ambiente de participação pública e novas formas de interação entre informações e público. Hannah Arendt, em sua obra "A Condição Humana" (1958), aborda a distinção entre os domínios público e privado. A autora afirma:

O domínio público, sendo comum a todos, reúne homens e os mantém juntos, porém é também o único lugar onde os homens podem mostrar-se e revelar-se uns aos outros como seres humanos distintos e diferentes. [...] O domínio privado, cujo âmbito social é a família, abriga a vida biológica, a vida propriamente dita, dos homens como animais racionais e mortais (ARENDR, 1958, p. 58-59).

A "esfera pública" para Hannah Arendt é o mundo comum, o lugar que surge quando os homens se reúnem na companhia um do outro e que, ao mesmo tempo, evita que colidamos uns com os outros. O público é o mundo em que vivemos, um espaço vinculado à atividade humana que possibilita a conexão entre pessoas, o debate, o viver e expor opiniões. É nesse campo que, para Arendt, se coloca a atividade política. Para a autora, é na esfera pública que as diferenças entre o que é próprio do indivíduo e o que é próprio do público, enquanto

coletividade, se acentuam e se demarcam. É nesse espaço de coletividade que os indivíduos poderiam compartilhar das leis e dos negócios públicos ou, como na antiguidade, participar dos problemas da *pólis*.

A ideia arendtiana de política possui clara influência no modelo helênico da *pólis* grega, que desde a Grécia Antiga vincula a política a um espaço de convivência pública onde, a partir do debate, as decisões são tomadas. O sentido de democracia está intimamente ligado à ideia da *pólis* grega, a *Ágora*, compreendida como espaço de presença ativa dos cidadãos. A concepção de democracia de Arendt está ligada aos conceitos de liberdade e pluralidade, a partir da compreensão de que cada homem é único e, portanto, deve ser respeitado física, mental e politicamente como integrante da comunidade, com igual direito de fala e deliberação. O respeito a pluralidade é requisito essencial de uma vida pública bem ordenada.

A pluralidade deve estar presente na ação política, compreendendo-a como um processo em que o indivíduo somente poderá dizer algo na esfera pública se levar em consideração as demais opiniões existentes nessa esfera, mesmo que sejam contrárias às suas. A liberdade na esfera pública é sinônimo de ação política, visto que sua existência é condição da existência humana, desde que essa ação não esteja instrumentalizada para o alcance de um produto. A política para Hannah Arendt é algo coletivo e não individual, é uma ação intersubjetiva que ocorre por meio de processos comunicacionais em circunstâncias que permitem a cada um expressar-se livremente.

Já Habermas, ao abordar o debate sobre a esfera pública, não toma como referência a *pólis* grega, mas revela que a invenção do público nasce com a ascensão da burguesia e o surgimento do Estado moderno. Ele descreve a esfera pública como um espaço onde pessoas privadas se reúnem em público. Para Habermas, a esfera pública burguesa representa o declínio do liberalismo clássico, apontando que, se hoje vivemos em uma democracia de massa, é porque as condições de propaganda política favorecem a ideia de igualdade. O conceito de esfera pública aponta para a separação do sistema político e descreve esse espaço comunicativo como a separação entre a esfera privada burguesa e o Estado.

O autor busca um modelo teórico pautado na democracia deliberativa. Ele fundamenta seu modelo teórico na construção de consensos, enquanto Arendt o fundamenta na pluralidade/dissenso. A democratização do espaço público em Habermas se dá pela instauração de uma competência comunicativa, onde os cidadãos vivenciam e aprendem no debate e no diálogo construído no espaço público.

2.1 Esfera pública virtual ou sociedade em rede?

No ano de 2020, bem no início da pandemia de Covid-19 as instituições públicas, empresas privadas e partidos políticos tentaram se adequar as severas modificações impostas pela pandemia, fazendo com que a internet e as tecnologias das informações fossem utilizadas ao máximo para suprir a ausência física imposta pelo distanciamento social proposto pelas agências sanitárias na contenção do vírus. Dessa forma, todo um ecossistema de informações se propagou e se modificou em grande velocidade por cabos de fibra ótica e por aparelhos pessoais conectados à rede. O famoso *home office* se torna a nova vedete taylorista, as telereuniões propagam-se por diversas plataformas, softwares e plataformas on-line de, agora, essencial utilização para o trabalho.

A quantidade de pessoas conectadas aumentava exponencialmente nos empurrando e nos ligando inexoravelmente ao futuro que outrora distante, passa a ser constante. Segundo um levantamento feito em 2017 pelo site de pesquisa de Internet BITES “a consultoria IDC prevê que a quantidade de dados gerados anualmente em todo o mundo deverá aumentar de 50 zettabytes (ZB) em 2020 para 175 ZB, em 2025³. A grande quantidade de informação que circula nas redes sociais, sua variedade e propagação tornam complexa e fugidia a capacidade das pessoas de refletirem sobre essas notícias, sejam elas do meu mundo comum ou relacionadas a particularidade das celebridades do momento.

As redes sociais são espaços virtuais onde as comunidades atuam no ciberespaço, lugar anteriormente visto como uma espécie de zona privada de alguns seletos escolhidos. Com o avanço da democratização das tecnologias por intermédio da globalização esse lugar se tornou um espaço de trocas culturais e troca de experiências imediatas, sejam elas positivas ou negativas.

De acordo com Castells (2002), o surgimento das muralhas da sociedade em rede, enquanto essa nova esfera pública se consolida, ocorre em função da "revolução da tecnologia da informação, que foi essencial para implementar o importante processo de reestruturação do sistema capitalista a partir da década de 1980" (Castells, 2002, p. 49), modificando nossas relações interpessoais. Além disso, como Habermas aponta, é no ambiente da ação

³ Disponível: <https://bites.com.br/>.

comunicativa e da intersubjetividade que se busca um entendimento mútuo entre os sujeitos. Esse entendimento e a validade desses diálogos só podem ocorrer a partir de uma ética do discurso: "em que os participantes tematizam pretensões de validade controversas e procuram resolvê-las ou criticá-las com argumentos" (Habermas, 2012, p. 48).

Os usuários que constituem essa esfera pública, como palco democrático de suas expressividades, utilizam a comunicação política no sentido de participação e expressão aberta de opiniões. Nessa perspectiva, as redes sociais emergem como espaços de integração política em busca de consenso. Segundo Habermas (2012), elas contemplam três aspectos das funções comunicativas: I – função de reprodução cultural; II - função de integração social; III - interpretação da função cultural das necessidades. Portanto, os mecanismos que compõem as mídias sociais enquanto ferramentas de informação são interativos, e essas interações discursivas buscam um consenso que confere validade sobre o mundo, denominado verdade factual.

Em síntese, Habermas, Arendt e Castells oferecem perspectivas complementares para analisar a esfera pública e as redes sociais no contexto contemporâneo. Habermas destaca a importância da ética discursiva e do agir comunicativo na busca por consensos e validade dos discursos na esfera pública. Arendt, por sua vez, ressalta a relação entre verdade e política, abordando os desafios do compartilhamento do mundo comum e a complexa relação entre fatos e veracidade no âmbito político. Castells contribui com a análise da sociedade em rede e do papel das tecnologias da informação, ilustrando como essas transformações redefinem o espaço público e as interações sociais.

3 REDES SOCIAIS E OS DISCURSOS DE VERDADE: o conflito do particular vs privado

Nesse contexto, surge a questão da influência da revolução tecnológica na sociedade e da importância da ética do discurso para garantir entendimentos mútuos entre sujeitos e validade nas relações interpessoais modificadas pela tecnologia. A teoria de Arendt é fundamental para entender a importância das três formas de verdade (factual, opinião e filosófica) e como elas são influenciadas pelo poder político e econômico nas mídias sociais. É preciso considerar a possibilidade de vivermos em bolhas virtuais de verdade subjetiva e como isso ameaça à liberdade intelectual e a valorização dos fatos. Conforme Habermas (2014), o elemento individual é essencial para entender a nova condição humana moldada pelo mundo

virtual, onde cada pessoa tem seu próprio mundo de sombras, mas destaca que “a comunicação não se limita à transmissão de informação e a sua recepção. Comunicar é, antes de mais nada, conviver, por mais curtos que sejam os momentos dessa convivência, e criar uma rede de comunicação e de compreensão mútua” (Habermas, 1989, p. 332).

A evolução das tecnologias da informação e das mídias sociais trouxe uma série de desafios éticos e políticos para a sociedade, incluindo a manipulação da verdade na esfera pública e a fragilidade do discurso ético/político. A verdade pode se diferenciar da veracidade e da verdade fatural, da opinião e da verdade filosófica racional, e todas estas podem assumir posições de conflito. Além disso, a verdade é constantemente deformada e fragmentada pelo poder político e econômico. A realidade virtual moldada pela dinâmica da “*Iris virtual*” está criando mundos de sombras individuais e subjetivos, o que corre o risco de resultar em uma nova era de perseguição intelectual das teorias científicas e filosóficas. As previsões sobre a revolução da tecnologia da informação denunciam um novo modelo de *euletheria*⁴, onde é possível ver a criação de ministérios da verdade por instituições públicas e privadas, como retratado por George Orwell em “1984”.

A necessidade de um diálogo com a verdade é crucial para manter a integridade da democracia e garantir a saúde do debate político. A polarização e a violência nas redes sociais são reflexos de uma sociedade que não consegue distinguir entre verdade e falsidade, e que acredita cegamente em narrativas dominantes que muitas vezes são baseadas em preconceitos e opiniões extremistas. Os limites da liberdade de expressão são definidos pelo respeito aos direitos humanos, ao Estado de Direito e à ordem pública, além de proteger a privacidade, a honra e a imagem de terceiros. A liberdade de expressão não é absoluta, e deve ser equilibrada com outros valores e interesses sociais.

3 CONCLUSÃO

O aumento da difusão de notícias falsas se dá pela confluência das mídias digitais, criando narrativas inverossímeis e realidades paralelas. A verdade fatural se torna cada vez mais

⁴ A palavra grega “εὐλευθερία” (euletheria) é composta por dois elementos: “εὖ” (eu), que significa “bem”, “bom” ou “fácil”; e “λευθερία” (leutheria), que significa “liberdade”. Portanto, a palavra “euletheria” pode ser traduzida literalmente como “boa liberdade” ou “liberdade fácil”. Na Grécia antiga, o termo era usado para se referir à liberdade política e civil, ou seja, a capacidade de uma pessoa governar-se a si mesma, sem interferência externa. A palavra ainda é usada em grego moderno com o mesmo significado (GRIFO DO AUTOR).

distante, e as tecnologias da informação, que antes tinham a função de informar, agora se tornam contrários à sua gênese de reduzir a distância entre o usuário e o conhecimento do mundo. Grupos políticos descredenciam a construção de fatos, moldando a opinião pública. É importante questionar a importância do discurso ético político na relação entre a verdade e a opinião pública, bem como o papel da sociedade e dos meios de comunicação na luta contra a pós-verdade e as Fake News.

A pós-verdade e as fakes News são problemas filosóficos que surgem com o desenvolvimento das TICs e mídias sociais. O termo "pós-verdade" é usado para descrever o declínio da verdade e do papel dos fatos e análises. Além disso, grupos políticos de extrema direita e ultranacionalistas tentam subverter os fatos a seu favor, afetando a opinião pública e o sistema democrático. A construção do discurso ético político é fundamental para preservar a verdade e a integridade da informação.

A ênfase dessas narrativas tem como produto a polarização política e a violência massiva nas redes sociais – *inforwars* -, enquanto atual campo do debate político, tendo como armas as novas mídias da informação que descredibilizam as fundamentações científicas e argumentos normativos por uma excessiva crença nos feeds de notícia e na contrainformação da opinião própria. Nesse sentido, qual a necessidade de um diálogo com a verdade onde os próprios fatos são falseados? Quais os limites democráticos da liberdade de expressão? De que forma nós mesmos fomos negados da veracidade dos fatos dentro de narrativas dominantes em que fomos educados – etnocentrismo, racismo estrutural, machismos e patriarcalismo e outros? Hoje as próprias palavras se tornam sedimentadas pelas opiniões pessoais e pelos relativismos aproveitadores.

Para Habermas os cidadãos devem buscar seus direitos, atribuindo uns aos outros a mediação comunicativa, sendo “válidas as normas de ação às quais todos os possíveis atingidos poderiam dar seu assentimento, na qualidade de participantes de discursos racionais” (HABERMAS, 1997, p.138). Como entender uma esfera pública como espaço das mídias sociais, quando o privado se torna um assenhador das leis? Como a natureza dialógica da política como propõe Arendt se afasta da verdade factual quando se instaura a pós verdade, e a opinião pública modifica as narrativas hipertextuais produzidas a cada minuto por milhares de pessoas – *bots, trolls, post`s, contranarrativas* e grupos fictícios de falsas notícias? Como a verdade evidente combate uma legião de mentiras? Onde se encontra a verdade nesse novo mundo contemporâneo?

Se a polis grega era o produto das *eklesias* (assembleia) ocorrido na Ágora, este que era um espaço de comunicação social para se discutirem os problemas públicos, nota-se então um comprometimento desses cidadãos para a coletividade. E uma mudança de ação, nas palavras da pensadora alemã, a ação é a expressão da liberdade que os homens experimentam no mundo público e coletivo (ARENDDT, 2018). Nesse novo lugar das mídias sociais esse espaço se dilata e ultrapassa limites e fronteiras, onde a própria liberdade acaba sendo perdida e a verdade soterrada, as ações dos cidadãos/usuários ainda não assimilaram não perceberam o limite desse novo espaço de diálogo.

A teoria política de Hannah Arendt está fundamentada na percepção do agir conjunto e da construção de um espaço público, já para Habermas (2012) esta relação esta pautada na ação comunicativa, como paradigma de comunicação livre de coesões, e a partir de intersubjetividades comunicativas. Tal percepção do espaço público se direciona na reflexão ético-política sobre a dinâmica das mídias sociais e o papel da tecnologia na construção desse espaço

“[...]a propaganda de massa descobriu que seu público-alvo estaria sempre disposto a acreditar no pior, por mais absurdo que fosse, e que não tinha objeções a respeito de ser enganado porque considerava que toda declaração, de qualquer forma, era mentirosa (KAKUTANI, 2018, p 58).

O sentido de eficiência dado a manipulação da opinião pública, a propaganda de massa como analisa Arendt sempre foi eficiente utilizando os sistemas de propaganda para criar imagens, fragmentos distorcidos do real na forma de narrativas que desacreditem seus opositores.

A nova lógica das fake News e das *infowars* extrapola em ordem não apenas inversa da sentido público-privado, mas da ordem das relações interpessoais onde as pessoas não apenas acreditam em tais discursos, mas os defendem e os propalam nesse espaço das opiniões e falas polarizadas. Essas discussões afetam de forma negativa o convívio da dinâmica social.

As mídias prometiam aproximar as pessoas devido sua capacidade e velocidade dos alcances globais⁵ e parece que essa tecnologia não contava com efeito colateral do

⁵ O Google está se preparando para esse futuro. Já em 2010, a empresa criou uma “sala de guerra” que funcionava 24 horas por dia e era destinada à propaganda política, com o objetivo de eliminar certos anúncios rapidamente e ativar outros, até de madrugada, na véspera da eleição. O Yahoo está fazendo uma série de experimentos para descobrir como correlacionar a lista pública sobre quem votou em cada distrito eleitoral com os indicadores de cliques e o histórico on-line registrado pelo site. E empresas de agregação de dados como a Rapleaf, de São Francisco, estão tentando correlacionar informações sobre o gráfico social no Facebook com o comportamento eleitoral – seu objetivo é apresentar a melhor propaganda política para uma determinada pessoa, com base nas respostas de seus amigos (PARISER, 2009, 21).

personalismo e dos filtros bolhas na forma de algoritmos inteligentes “A personalização nos trouxe algo muito diferente: uma esfera pública dividida e manipulada por algoritmos, estruturalmente fragmentada e hostil ao diálogo (PARISER, 2009, p.112). Ainda para Arendt só podemos exercer nossas ações no espaço público por meio da palavra onde os homens expressam sua individualidade e agem nesse espaço de fala. Cabe destacar que “o pensamento político que tem início na Grécia de Aristóteles até as teorias da informação, nascidas no século XX, culminando no intenso debate em torno da pós verdade e do controle de narrativas tentando demonstrar qual o lugar da verdade factual, tal como formulada por Arendt, nas democracias contemporâneas, nesse sentido tanto Arendt quanto Habermas buscam um consenso na validade dos discursos e na pluralidade das opiniões.

A Política é o direcionamento da coisa pública é a linha divisória entre a esfera pública e a privada que desaparece ocasionalmente em Platão e Aristóteles. Para Platão, as experiências da vida particular podem ser transferidas para a vida na *polis*. E Aristóteles, seguindo Platão, defendeu que a origem histórica da polis estava na superação das necessidades do *oikos* (particulares) e somente a finalidade da vida boa na polis (a felicidade). Arendt define a esfera pública como a condição e possibilidade de apropriação por parte do homem da realidade da coisa política.

REFERENCIAS

ARENDR, Hannah. *Entre o passado e o futuro* / Hannah Arendt; [tradução Mauro W. Barbos]. São Paulo Perspectiva, 2016.

_____. *A condição humana*. Tradução: Roberto Raposo; posfácio de Celso Lafer; - 10ªed. -, Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2007.

_____. *As origens do totalirismo*. Tradução: Roberto Raposo : São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Homens em tempos sombrios*. Tradução: Denise Bottman; posfácio Celso Lafer; São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *O que é política?* / Hannah Arendt; [editoria, Ursula Ludz]; 3ª ed. tradução de Reinaldo Guarany. - 3ª ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

_____. *Ruptura: a crise da democracia liberal*, Manuel Castells, Zahar, Rio de Janeiro, Brasil, 2018.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução: Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1989.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Tradução Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança. Movimentos sociais na era da internet*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2013.

CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (org). *A sociedade em rede: do conhecimento à política*. Imprensa Nacional, 2005.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede / Tradução: Roneide Venancio* : São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Tradução Flávio Kothe. Rio de Janeiro: Tempos Modernos, 2014.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Tradução Manuel José Simão Loureiro (capítulo XI). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo. Racionalidade da ação e racionalização social*. Vol 2. Tradução: Flávio Beno Siebeneichler. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social*. Vol 1. Tradução Paulo Astor Soethe. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

HABERMAS, Jürgen. *Verdade e justificação: ensaios filosóficos*. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

HEIDEGGER, Martin. *Introdução à Filosofia*. Tradução de Marco Antonio Casanova. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

KAKUTANI, Michiko. *A morte da verdade: notas sobre a mentira na era Trump / Revisão – Victor Almeida, Ângelo Lessa; tradução: André Czarnobai e Maecela Duarte*, Editora Intrínseca, Rio de Janeiro-RJ, 2018.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. Trad. Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

KIRK, G. S. RAVEN, J. E. e SCHOFIELD, M. (1994), *Os filósofos pré-socráticos: história crítica com seleção de textos*, trad. de Carlos Alberto Louro Fonseca [The Presocratic Philosophers: a critical history with a selection of texts, Cambridge at the University Press, 1983.], 4ª ed., Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, p. 192.

LAFER, Celso. *Hannah Arendt: pensamento, persuasão e poder* / 3ªed. Celso Lafer. – 3ªrev.ampl. – Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

LAZEGA, E.; HIGGINS, S. S. *Redes sociais e estruturas relacionais*. Belo Horizonte: Fino Trato, 2014.

NIETZSCHE, F. *Sobre verdade e mentira*. São Paulo: Hedra, 2008.

ORWELL, George, *1984* / George Orwell; tradução Alexandre Hubner, Heloisa jahn; posfácio Erich Fromm, Ben Pimlott, Thomas Pynchon. – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PARISER, Eli. *O filtro invisível – O que a internet está escondendo de você*. Editora Zahar, 2012.

PLATÃO. *A República*. Tradução: Maria Helena Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

REESE-SCHÄFER, Walter. *Compreender Habermas*. Tradução Vilma Schneider. 4 ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012.

